

**TRABALHO  
MAIS  
ÚTIL**

Para o professor Rui Trindade, o ME “deveria procurar que os docentes ficassem mais tempo na escola, mas a promover um outro tipo de trabalho mais útil”

**AULAS  
DEVERIAM  
SER PAGAS**

A Federação Nacional dos Sindicatos da Educação considera que as aulas de substituição exigem planificação e preparação, pelo que deviam ser pagas

EB 2,3 JÚLIO SAUL DIAS - VILA DO CONDE

## Passar o tempo com jogos didácticos

■ Na Escola E B 2,3 Júlio Saul Dias, de Vila do Conde, a tarefa das aulas de substituição não tem sido fácil, porque nem sempre os alunos estão dispostos a obedecer a professores que não são os deles, e porque, na maioria dos casos, os docentes desconhecem a realidade emocional e pedagógica das turmas para as quais são chamados. A Júlio Saul Dias, com 1110 alunos distribuídos por 42 turmas, até não se pode queixar da falta de meios: “Somos uma escola privilegiada, dotada de uma boa biblioteca e de muitos computadores”, exemplificou Anabela Silva, presidente do Conselho Executivo, que esclarece: “As aulas de substituição são dadas em função das necessidades dos alunos, muitas delas servem para rever



TERRAS DO AVE

“Gostaríamos de ver a ministra a dar uma aula de substituição”

dos docentes, diz que o principal erro do Ministério foi não ter ouvido os professores e lança um desafio a Maria de Lurdes Rodrigues: “Gostaria que viesse à Saul Dias e experimentasse dar uma aula de substituição”. **Céu Salazar**

matérias, mas se acontecem nos finais dos tempos lectivos são preenchidas com jogos didácticos, como palavras cruzadas”.

Ainda assim, os professores que asseguram as referidas aulas “inventam modas” para cativar o interesse dos alunos. É o caso de José Carlos Correia, professor de Educação Tecnológica, que desde o início do ano lectivo já efectuou quatro substituições. “Comprei livros de actividades, de acordo com os vários níveis de ensino e sobre várias matérias, mas de nada me valeu, pois os jovens não vêm em nós qualquer tipo de autoridade, e só por coincidência me calharia uma turma de alunos meus”. José Carlos Correia, à semelhança da maioria

ES AVELAR BROTERO - COIMBRA

## “Quando há furos temos aqui ao lado um centro comercial...”

■ Na Escola Secundária Avelar Brotero, em Coimbra, a ocupação dos tempos livres dos alunos “ainda não está em efectividade”, porque também “não há uma decisão rigorosa nesse sentido”, explicou, ao JN, Aires Dinis, docente daquele estabelecimento de ensino. Por isso, não tem havido aulas de substituição e quando há furos “temos aqui ao lado um centro comercial”, ironizou, considerando tratar-se de “um elemento perturbador da vida escolar”. No entanto, o docente adiantou que alguns tempos livres são “ocupados na biblioteca, mediateca e computadores, aliás bastante frequentados pelos alunos”. “O Ministério não tem uma ideia daquilo que será o trabalho na escola. E isso causa frustração e desalento aos professores”, lamentou Aires Dinis, para quem as aulas de

substituição “poderiam ser boas se fossem previamente programadas e se não fossem uma tentativa de ocupar os professores, com intuídos economicistas”. “Há indefinição sobre o que é trabalho lectivo, trabalho escolar e trabalho individual”, afirmou, defendendo que “deveria haver tempo no horário para discutir problemas da escola”. Problemas que passam pela “falta de condições materiais para desenvolver o trabalho, falta de funcionários e encerramento da biblioteca no horário da noite e às vezes durante o dia”. Onde não há “furos” para os alunos é nos cursos profissionais, também ministrados na “Brotero”. “Não há horas vagas, porque é permitida a troca de aulas. Assim, quando um professor falta, os alu-



“O Ministério não tem noção do que é o trabalho numa escola”

nos vão ter outra disciplina”, explicou Gaspar Dantas, docente e responsável por estes cursos, referindo que a escola “tem uma tradição muito forte no campo do ensino industrial/profissional, pese a degradação dos últimos anos, devido a uma visão limitada do que este ensino podia ser”.

São cursos profissionais para alunos dos 10º, 11º e 12º anos, onde, para além da formação escolar, os alunos também têm formação em contexto de trabalho nas empresas. Actualmente, são cerca de 150 alunos que frequentam os cursos profissionais, num total de cerca de 1500 alunos matriculados na “Brotero”. “Aqui há amor à camisola por parte dos professores”, concluíram os dois docentes. **Joaquim Almeida**

EB 2,3 DA MEALHADA

## “A pior coisa que podiam ter-nos feito”

■ “Aulas de substituição? São a pior coisa que nos podiam ter feito”, responde, desanimado e cabisbaixo, Diogo Luís, 14 anos, aluno do 9.º ano da EB 2, 3 da Mealhada. O jovem continua: “Sempre que havia um ‘feriado’, podíamos descansar das aulas. Também dava para estudar, caso tivéssemos um teste na hora seguinte. Assim, não dá para aproveitar, porque ficamos com um professor, sem fazer nada”. Também os docentes estão descontentes com a nova legislação. José Neves da Costa, professor de Educação Física na escola, é um exemplo. Enquanto ajusta os óculos ao nariz, refere que as aulas de subs-

tituição, para alguns, são vistas como uma forma de “ocupar os alunos que faziam disparates nas horas livres”. O que o leva a concluir que os docentes apenas executam a “função de guarda, uma tarefa que não cabe aos professores. Porque, tratando-se de uma função social, terá de ser resolvida com o reforço de auxiliares de acção educativa”, atira, indignado. Isabel Lemos, professora de Língua Portuguesa, já viveu a experiência. Em 33 anos de serviço nunca teve qualquer problema disciplinar, até ao dia em que deu aulas de substituição: “Provocam questões disciplinares por falta de entendimento mútuo e de relação pedagógica que não pode ser criada no



“Sempre que havia um ‘furo’ podíamos estudar para o teste da aula seguinte”

minuto. Tento arranjar temas, mas é impossível interessar os alunos, porque estão de má vontade. Não acho que promovam o sucesso escolar, bem pelo contrário”. José Neves acrescenta que estas aulas não podem contribuir para o sucesso quando são impostas, sem objectivos nem finalidades. Além disso, “querem ocupar-nos na componente não lectiva, porque as substituições são vistas assim pelo Ministério. Mas o que é certo é que a sua componente é lectiva e têm de ser pagas como horas extraordinárias, de acordo com Estatuto da Carreira Docente. Mas não estão a ser”, termina. **Marta Varandas**

Olhe pelo seu futuro, olhe pelos seus.

**FORUM  
FILATELICO**  
UM LÍDER NA CRIAÇÃO DE PATRIMÓNIOS

n.º verde 800 203 213

www.forumfilatelico-portugal.com